

**Entre a arte de fazer e dizer:
o Cavalo Marinho pernambucano como patrimônio imaterial**

Rosely Tavares de Souza

Mestranda em História - UFPE

roselytavares75@hotmail.com

O Estado de Pernambuco é conhecido por suas inúmeras festas que acontece em vários momentos do ano, talvez a mais conhecida delas seja o Carnaval, mas além desses festejos, Pernambuco é celeiro de um vastíssimo patrimônio no campo da cultura imaterial, e tem se destacado pela diversidade e pluralidade de manifestações culturais, saberes, ofícios e etc. Esses bens reconhecidos como imaterial constituem-se em referências culturais para a preservação e redefinição das identidades e memória de indivíduos e grupos de diversos matizes étnicos, que se representam e se redescobrem através de uma multiplicidade de práticas, costumes, crenças e valores.

Desta forma a cultura nesse Estado tem expressão não apenas local, mas em âmbito regional e nacional, assim podemos considerar de substancial importância e significados para o estudo da cultura, as diversas modalidades de festas, momentos em que há uma quebra do cotidiano do trabalho e onde se impõe uma lógica da alegria. No entanto, o cotidiano do trabalho também é embalado pelas músicas, poesias, movimentos etc.¹ A cultura é neste estudo entendida como um híbrido, práticas sociais que tem suas interfaces e apropriações de outras manifestações locais e nacionais, não apenas como uma repetição, os sujeitos são sociais, culturais e históricos e estão atentos as transformações que ocorrem durante o processo histórico o que interfere fortemente nas suas práticas festivas entre elas o objeto deste artigo, o Cavalo Marinho².

¹ MACHADO, Maria Clara Tomaz. **Escola:** me diga como trata a cultura popular e eu te direi quem és. In Cadernos de História. V. 6-n.6, Uberlândia: CCHA/UFU, 1996, p. 108.

² CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. 3ª ed. São Paulo: EDUSP, 2000.

Cavalo Marinho é um folguedo de tradição oral e popular, qualificado como um teatro representado por cerca de 73 personagens, que se classificam em humanos, animais e fantásticos. Para o autor Roberto Benjamim³ estudioso da área, esta manifestação se configura como um teatro. Benjamim nos revela que Cavalo Marinho é uma brincadeira de ciclo natalino e constitui um agregado de folguedos como o bumba-meu-boi, reisado, agaloados, guerreiros, maracatu rural, entre outros folguedos da Zona da Mata Norte, o qual se inclui música, dança e poesia, representado por personagens do imaginário popular, sua comunicação é direta, sem a utilização dos mecanismos convencionais da gramática. A utilização de máscaras, de vestimentas coloridas, somados a gestos, atitudes e cacoetes, emite mensagens que possibilitam interpretações diversas das representações do cotidiano dos integrantes do folguedo.

Este complexo festivo que une movimento, música, poesia, dança e interpretações somam relações de gênero, dominação, brincadeira e assim se constitui a história contada no decorrer do folguedo. Para dar início ao brinquedo, os figureiros⁴ dançam o mergulho ou mergulhão, um aquecimento que inicia a brincadeira de fato. Este momento é composto por brincantes e público e se constitui como um desafio entre os participantes presentes na roda do mergulhão. Uma energia singular circula em meio, as toadas executadas pelos músicos do banco, toadas mais ou menos fixas e puxadas pelo mestre (este que na maioria das vezes é o capitão), a ação rítmica é importante para que esse momento possa acontecer. Essas toadas seguem até o final da brincadeira, variando umas das outras com as entradas dos personagens e determinando junto com o mestre o momento que o público que assiste pode entrar para “sambar”. As loas⁵ é a própria poesia que se desenvolve e compõe as histórias dos personagens, geralmente o improvisado dar graça e envolve o público presente. Por isso para brincar tem que saber, tem que ter o “pantim”, Biu Alexandre⁶.

A Zona da Mata Norte pernambucana é um celeiro cultural, esta região localiza-se cerca de 90 km da cidade do Recife. Para entendermos como se configura a região,

³ BENJAMIN, Roberto. **Pequeno Dicionário do Natal**. Recife: Sociedade Pró-Cultura, 1999.

⁴ Quem bota figura no Cavalo Marinho

⁵ versos falados pelas figuras e galantes

⁶ Severino Alexandre da Silva entrevista no dia 21 de dezembro 2008 no evento conexão Cavalo Marinho / Recife-PE.

local de um passado de grandes engenhos, a obra do sociólogo Gilberto Freyre, *Nordeste*, é relevante sobre o tema na qual o autor nos concede um panorama da civilização açucareira e da sociedade patriarcal onde o homem / natureza e o homem /terra se relacionam. Este livro vem definir a região Nordeste, sua singularidade e importância no contexto do território nacional⁷. Freyre chama atenção ao analisar as características culturais desta sociedade, dominante em várias regiões e com a diversificação da exploração da terra que marcava cada uma delas, criando segundo ele, identidades locais e regionais. Nessas categorias que se entrecruzavam e que formaram a sociedade do nordeste: o latifúndio como forma de propriedade, a monocultura como forma de exploração econômica e a escravidão como instituição de classe social, resultam no cenário desta manifestação cultural.

Os sujeitos que fazem essas “festas” são homens e mulheres que vivem uma realidade difícil, mesmo depois de um longo dia de trabalho no corte da cana, se encontram para “brincar”, nesta hora não são mais os trabalhadores da lavoura, são reis, rainhas, palhaços, mulheres, crianças e autoridades.

Esse “pantim” como menciona o mestre Biu Alexandre é o saber fazer, um conhecimento que não está nos livros, nas escolas, não está escrito é o olhar e o conviver naquela região com os mestres e brincadores, que nasce mais um folgazão. Segundo a convenção da Unesco para a salvaguarda do patrimônio,

Entende-se por “patrimônio cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e

⁷FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 34ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. Nordeste. 7ª ed. São Paulo: Global, 2004.

contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. Para os fins da presente Convenção, será levado em conta apenas o patrimônio cultural imaterial que seja compatível com os instrumentos internacionais de direitos humanos existentes e com os imperativos de respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos, e do desenvolvimento sustentável”⁸.

É importante ressaltar que o processo de transformação cultural que ocorre nos faz refletir sobre a complexidade em que os estudos que têm como objeto a cultura tradicional e popular estão envolvidos, assim como a necessidade de as instituições governamentais, políticas públicas, pesquisadores, grupos e artistas interessados no registro desses bens como patrimônio imaterial da nação, trabalhem na perspectiva de produzir um saber que busque não apenas “preservar” essa diversidade, mas que tenha como objetivo contribuir para o processo de inclusão social dos grupos e sujeitos que fazem à cultura do Estado de Pernambuco.

Esse folguedo está diretamente inserido neste contexto de reconhecimento como patrimônio imaterial, a partir do momento que as políticas públicas não só do Estado de Pernambuco, mas do Brasil, entende a importância do reconhecimento do patrimônio cultural para as comunidades, percebemos que um novo fôlego se configura no que diz respeito a importância das práticas culturais e uma movimentação sem igual das autoridades para a salvaguarda dos patrimônios em todos os níveis, assim como os imateriais.

Nosso trabalho tem como orientação teórico-metodológica a História Cultural e para entendermos um pouco mais sobre a noção de cultura construímos nossa análise também baseados no historiador Roger Chartier. Para Chartier cultura é: “um tipo de relação, um modo de utilizar objetos ou normas que circulam na sociedade, mas que são recebidos, compreendidos e manipulados de diversas maneiras”⁹. Entendo que os mestres, brincantes e as pessoas que estão envolvidas com o folguedo como os indivíduos

⁸UNESCO. 2003. Convenção para Salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. Paris, 17 de outubro de 2003. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org>

⁹ CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990.

que vivem na região em questão e participam das “sambadas”¹⁰ de Cavalo Marinho, está contido nesse conjunto de elementos característico da manifestação, pois ao identificar os elementos do cotidiano no qual existem normas de conduta que são evidenciadas nas toadas, loas e diálogos dos folgazões em noite de sambada, desse modo esses elementos justapostos não são entendidos de maneira unificada, aludem diversas formas de apropriação dos sujeitos que ali estão.

Desta forma, estudar o fenômeno Cavalo Marinho a partir de um referencial histórico científico, nos dar um respaldo para interpretar as práticas dos brincadores quando trabalhadores, se despem das suas rotinas no canavial e entram na festa, nos leva a problematizar a riqueza que é esta manifestação. Além da múltipla relação que acontece ali na região e que sem dúvida reflete nestas práticas.

A Constituição brasileira estabelece que o poder público, com o auxílio da comunidade, deve promover e salvaguardar o patrimônio cultural brasileiro. O Cavalo Marinho reconhecido como patrimônio do Estado de Pernambuco possibilitou uma relevante notoriedade nacional para esse folguedo, assim como bens associados como o Babau, Mamulengo, Coco de roda, entre outros e esse processo é evidenciando não apenas nas consultas aos jornais de grande circulação no Estado a partir dos anos 1990, neste período histórico que passa a abordar sobre as manifestações de Pernambuco, mas também na voz dos sujeitos que pratica essa arte, a arte de fazer é sentida na sua arte de dizer, que está coberta por máscaras e trajes das figuras que entram na roda do Cavalo Marinho.

Nas entrevistas realizadas com os mestres e brincadores estes nos falam que a “cultura deles está em alta, sendo reconhecida, mais pessoas estão assistindo as apresentações, estão aparecendo nas festas e os estudos também ajudam a nossa cultura”¹¹, desta forma o ofício protagonizado por esses sujeitos na arte de fazer uma roupa, uma máscara, uma loa, o folguedo nos leva a arte desses sujeitos que não apareciam nas páginas dos jornais locais. Ao cotejar esses periódicos entre a década de 1960 até os anos de 1990 percebemos uma ausência no que se refere as práticas de

¹⁰ Como os brincadores se referem as práticas do Cavalo Marinho

¹¹ Antonio Manuel Rodrigues entrevista realizada na conversa de terreiro que aconteceu no dia 21 de dezembro 2008 no evento conexão Cavalo Marinho / Recife-PE.

Cavalo Marinho em Pernambuco. As “sambadas” de Cavalo Marinho neste período não deixaram de acontecer para os brincadores, segundo o mestre Antonio Teles um grupo se reunia depois do trabalho para uma “sambada”, a mudança acontece na virada dos anos 90 do século XX com a discussão para o processo de reconhecimento do patrimônio.

Loas e Toadas se misturam a graça dos personagens singulares do ponto de vista representativo, ali expressam seu pantin como diz Mestre Biu Alexandre e suas performaces são embaladas pelos músicos que dão movimento as figuras todo tempo na roda, seja ao entrar com o trupé e depois gracejando com o Capitão ou Mateus e Bastião, fazendo o movimento de cada personagem que é único naquele momento. A rabeca, mineiro, Bajé e pandeiro instrumentos de som e seus músicos que são os primeiros a se posicionarem diante do público iluminam a noite e vão até o raiar do dia levando a quem brinca ou assiste a fazer o movimento com os pés lembrando o galope de boi ou cavalo, animais em grande número nas terras da Zona da Mata Norte.

Segundo Dominique Poulot “o patrimônio ocupa atualmente uma posição privilegiada nas configurações da legitimidade cultural, nas reflexões sobre a identidade e nas políticas de vínculo social”¹². Esses modos específicos de criar e fazer um Cavalo Marinho legitimados perante a sociedade como patrimônio imaterial sua prática passa a ser preservada legalmente, portanto conserva-se uma memória que é transmitida de geração a geração.

O Cavalo Marinho Estrela Brilhante do município de Condado que fica na Zona Mata norte de Pernambuco, os ensinamentos do mestre Antonio Teles chegou a terceira geração de sua família. O conhecimento do mestre vai desde o toque da Rabeca, a confecção de máscaras, animais de madeira (que são “figuras” do folguedo) até a dança e o jeito singular de representar os personagens que encantam as noites de festa na região. A segunda geração do Estrela Brilhante é protagonizado por uma mulher, Maria de Fátima, conhecida na região como Nicinha e filha mais nova do mestre. Nicinha aprendeu com o pai desde muito jovem como se toca um instrumento do banco de Cavalo Marinho, como “bota uma figura” ou como se produz uma indumentária dos

¹² POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII – XXI: do monumento aos valores**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009

personagens e assim conseguiu produzir um Cavalo Marinho infantil com seus dois filhos, netos de Antonio Teles.

Uma mulher a frente de um Cavalo Marinho é uma transformação relevante na realização do folguedo, o Cavalo Marinho é uma manifestação cultural predominantemente masculina e antes da virada dos anos 90, as mulheres não participavam das apresentações, isso não era permitido pelos homens, que ainda hoje são maioria na prática deste folguedo. Analisando as entrevistas e cotejando com o período histórico, percebemos as mudanças que ocorreram nas festas e apresentações de Cavalo Marinho a partir do primeiro indício desse processo de transformação cultural a necessidade de as instituições governamentais, pesquisadores, grupos e artistas interessados no registro desses bens como patrimônio imaterial da nação.

No âmbito nacional no que se refere ao reconhecimento do patrimônio, as primeiras inquietações no Brasil com o assunto surgiram por volta da década de 1930, época da criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan). Assim, o assunto tem mais fôlego no ano 1936 quando Mário de Andrade apresentou ao então ministro da Cultura, Gustavo Capanema, um documento que ressaltava a necessidade de compreensão do patrimônio cultural de uma nação que estaria para além dos monumentos erguidos e obras de artes. Atualmente em Pernambuco, estão sendo desenvolvidas ações que visem a contribuir para o entendimento do patrimônio cultural imaterial o que possibilita apresentações mais sistemáticas de grupos reconhecidos como patrimônio durante todo o ano em festas esporádicas do Estado.

Podemos considerar mudanças inclusive nos locais e períodos que aconteciam os Cavalos Marinheiros, segundo os mestres Biu Alexandre e Antonio Teles, entre as décadas de 1960 e 1970 o folguedo só era visto nos engenhos em meio ao canavial, os trabalhadores do corte da cana após o expediente nos sábados preparavam o “terreiro”¹³ para se divertirem e ali permaneciam até a manhã do domingo, muitas vezes sem luz elétrica, sem a presença de crianças e mulheres. A partir nos anos 80 e 90, esses festejos tem como cenário os quintais das casas dos próprios integrantes do folguedo, geralmente aniversário de algum membro da família, nas festas do ciclo natalino ou festas da cidade, como a do santo padroeiro São Sebastião que é realizada no mês de

¹³ Como os brincadores se referem aos espaços que praticavam o Cavalo Marinho.

janeiro, como uma procissão religiosa no centro da cidade e a noite as apresentações de Cavalo Marinho, Ciranda , Coco de Roda, Maracatu que disputam com a chegada dos trios elétricos e amplificadores de som que no palco recebem as bandas musicais de forró ou axé.

Também em alguns momentos do ano, como o carnaval, festa de reis, são João entre outras, o Estado passou financiar algumas as apresentações dos grupos de Cavalo Marinho, apresentações essas se tem uma configuração diferente dos anos anteriores, pois são mais curtas com uma hora e as vezes meia hora de duração, além disso não só cortadores de cana são os brincadores, hoje tem vários artistas conhecidos nacionalmente, pesquisadores, bailarinos que se apropria do conhecimento do folguedo de participam de algumas apresentações que no municípios da Zona da Mata acontece também em praças públicas.

Assim a valorização desse patrimônio imaterial pernambucano intensifica a preservação da memória de uma manifestação cultural importante para o Estado de Pernambuco e com um estudo mais aprofundado , retrata muito da história da região da Zona da Mata Norte pernambucana, do sujeitos e de suas práticas cotidianas. Além disso as transformações que estão ocorrendo nas apresentações e na própria construção do folguedo.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ASCELRAD, Maria. **O cavalo marinho da zona da mata norte de Pernambuco**. A dança das figuras: corpo e brincadeira em movimento. tradições & traduções: a cultura imaterial em Pernambuco/ organização Isabel Cristina Martins Guillen. Recife, editora universitária da UFPE, 2008.

_____. **Viva Pareia! A arte da brincadeira ou a beleza da safadeza**: uma abordagem antropológica da estética do Cavalo Marinho. 2002. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

ANDRADE, Mário de. **Danças Dramáticas do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, Tomos 1, 2 e 3, 1982.

ARAÚJO, Edval Marinho de. **O folgado como veículo de comunicação rural:** Estudo sobre um grupo de cavalo marinho. 1984. Dissertação de Mestrado em Administração Rural, Departamento de Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 1984.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento:** o contexto de François Rabelais. São Paulo: HUCITEC, Brasília: Ed. da UNB, 1987.

BENJAMIN, Roberto. **Pequeno Dicionário do Natal.** Recife: Sociedade Pró-Cultura, 1999.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória:** ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. 3ª ed. São Paulo: EDUSP, 2000.

Cavalo Marinho Estrela de ouro de Condado. Jomar Junior. Recife: FUNDARPE, 2007. DVD.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história.** 2ª ed. Rio de Janeiro: forense universitária, 2002.

_____. DE CERTEAU, Michel. “A operação historiográfica” In: **A Escrita da História**, Rio de Janeiro: Forense, 1982.

CHARTIER, Roger. **A história cultural:** entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala:** formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 34ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

_____. Nordeste. 7ª ed. São Paulo: Global, 2004.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. **Escola:** me diga como trata a cultura popular e eu te direi quem és. In Cadernos de História. V. 6-n.6, Uberlândia: CCHA/UFU, 1996, p.

POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII – XXI:** do monumento aos valores. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

UNESCO. 2003. Convenção para Salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. Paris, 17 de outubro de 2003. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org>

http://www.fundarpe.pe.gov.br/politicacultural_patrimonio.php/ Consulta dia 18/03/2011